

## A FUNÇÃO PÚBLICA DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, DIDÁTICA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA NA ALEMANHA E NO BRASIL

**Márcia Santos Severino**

Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: [marcia.severino@discente.ufg.br](mailto:marcia.severino@discente.ufg.br)

### Resumo

Tanto no Brasil quanto na Alemanha há discussões acerca das aproximações possíveis entre a história pública, entendida como uma forma de produção de narrativa histórica com, para e pelo público sendo enfatizado o seu caráter colaborativo entre acadêmicos e público especializado, e a didática da história como disciplina da ciência histórica e que possui como principal objeto de estudo a formação da consciência histórica e as relações dos seres humanos com o passado. O presente artigo buscará estabelecer relações entre os dois campos de estudo na Alemanha e no Brasil para a partir da compreensão dos pontos em comum e divergências presentes nas duas realidades distintas desses países, abarcar as especificidades de uma didática da história pública.

**Palavras-chave:** História Pública. Consciência Histórica. Didática da História.

## THE PUBLIC FUNCTION OF DIDACTICS OF HISTORY: APPROACHES BETWEEN HISTORICAL CONSCIOUSNESS, DIDACTICS OF HISTORY AND PUBLIC HISTORY IN GERMANY AND BRAZIL

### Abstract

Both in Brazil and in Germany there are discussions about the possible approximations between public history, understood as a form of production of historical narrative with, for and by the public, emphasizing its collaborative character between academics and specialized publics, and didactics of history as a discipline of historical science that has as its main object of study the formation of historical consciousness and the relations of human beings with the past. The present article will seek to establish relations between the two fields of study in Germany and in Brazil in order to understand the common points and divergences present in the two distinct realities of these countries, and to cover the specificities of a didactics of public history.

**Keywords:** Public History. Historical Consciousness. Didactics of History.

### Temas sensíveis, consciência histórica e juventude

Em 1977 era lançado o livro “Eu Christine F. aos 13 anos, drogada e prostituída” (1994). O livro, que contava a história real de Christiane e um grupo de amigos da idade dela que se prostituíam nas ruas de Berlim para manter o vício em heroína, chocou o mundo por mostrar a realidade cruel que a juventude Berlinense, mas não só, visto que essa situação se estendeu por toda a Alemanha, passava naquele momento histórico. Filhos de uma geração que nasceu durante a segunda guerra ou imediatamente ao pós-guerra e viveu intensamente os traumas deixados por esse período sensível da história alemã, impulsionado pelo regime e ideologia nazista, esses jovens cresceram em uma sociedade que parecia profundamente imersa em um estado de negação que toda a Alemanha parecia reproduzir diante do trauma pela derrota na guerra e pela incapacidade de compreensão e explicação acerca do apoio popular dado a um regime extremamente conservador que levou a sociedade alemã a mais um fracasso pós-guerra.

Esses jovens (na verdade propriamente crianças) do fim da década de 1970 estão distantes praticamente uma década dos protestos juvenis ocorridos na Alemanha Ocidental no fim dos anos de 1960. Na esteira do maio de 1968 francês os protestos juvenis se espalharam pela Europa e até mesmo pelo mundo dadas as crises produzidas pelo contexto da Guerra Fria. No caso Europeu, em cada país onde ocorreram, pareciam possuir uma especificidade de reivindicações. Em um dos casos mais emblemáticos, por exemplo, os protestos na Tchecoslováquia, a insatisfação com os rumos do projeto Stalinista e o rompimento com a União Soviética foi a tônica das manifestações. No caso dos protestos alemães a grande insatisfação da juventude, presente principalmente no movimento estudantil, pareceu se dar em torno de uma questão mais específica dessa sociedade naquela conjuntura, qual seja, a negação e o esquecimento. Segundo Teixeira,

(...) a politização do movimento estudantil na Alemanha foi vivenciada nos anos 1960. Em território alemão, a partir de 1965, emergiu uma onda de movimentos de estudantes na República Federal da Alemanha (RFA), especialmente na Universidade Livre de Berlim, sob influência de revoluções e lutas armadas que ocorriam em Cuba, Congo e Vietnã (DUBOIS, 1998), bem como de ideias marxistas (Karl Marx, Che Guevara, Herbert Marcuse). Em síntese, as insurreições giravam em torno de oposições à guerra americana no Vietnã, à ditadura do xá iraniano, ao monopólio da imprensa Springer, às estruturas autoritárias, à ordem estabelecida, à ordem industrial e suas consequências na sociedade, à reforma universitária, à coalizão governamental, à legislação de estado de emergência (Notstandsgesetze) **e ao não enfrentamento do passado nazista pela sociedade alemã.** Tais insurreições também se moviam em prol da solidariedade ao chamado “Terceiro Mundo” (Teixeira, 2018, p. 216-217, grifos nossos).

Aqui torna-se importante compreender o contexto político e econômico da Alemanha Ocidental imediatamente ao pós-guerra até o fim dos anos de 1960. Os chanceleres que governaram a Alemanha Ocidental durante esse período, Konrad Adenauer e posteriormente Ludwig Erhard, eram membros da União Democrata Cristã (CDU) que em uma coalizão com a Partido Liberal Democrata (FDP) até o ano de 1966 e posteriormente com o Partido Social Democrata Alemão (SPD), praticamente não possuíam oposição parlamentar. Despolitizaram o passado nazista e o contexto da Guerra Fria sob o argumento de que era necessário reerguer o país e, inclusive toleraram a participação de políticos ligados ao nazismo no governo. No contexto econômico vivia-se um chamado “milagre econômico” fundado em uma ideia de economia social de mercado, no entanto o modelo passa a dar sinais de esgotamento a partir de 1966, sendo contornado por um programa Keynesiano influenciado pelo Partido Social Democrata que já havia se deslocado de uma proposta socialista mais contundente (Teixeira, 2018, pp. 217-218).

A contextualização das angústias da juventude Alemã no período de fins dos anos de 1960 até o fim dos anos de 1970 nos parece ser importante para ilustrar a carência de orientação pela qual a sociedade alemã como um todo passava a época, sendo a juventude como sempre a mais afetada por sua maior vulnerabilidade, além é claro de que os jovens estão diretamente ligados a questão educacional em seu nível mais básico. É nesse contexto social em que nos anos 1970 ocorre uma mudança paradigmática na disciplina Didática da História na Alemanha (Saddi, 2014. p. 134). Diversos autores se debruçaram em compreender os rumos da disciplina e as diversas metodologias que ela poderia abarcar. Dadas as diversas contradições ainda sentidas no e pelo pós-guerra, a história poderia cumprir um papel fundamental no seio da sociedade alemã, principalmente no campo educacional, para a compreensão de todo um processo histórico que culminou em uma profunda crise social afetando muito frontalmente os sujeitos mais jovens da sociedade.

O período dos anos de 1970, em que se estabelece a virada paradigmática da didática da história na Alemanha, também é a época em que o historiador Robert Kelley forja na Universidade de Los Angeles, o termo história pública. A história pública a princípio surge puramente com a perspectiva de pensar a ampliação do mercado de trabalho para o historiador, no entanto, essa perspectiva sofre uma inflexão quando o olhar se volta para a Inglaterra e a atuação de historiadores marxistas, principalmente ligados a revista *New Left Review* entre os quais se destacou o historiador e professor da Universidade de Oxford Rafael Samuel, que a partir de seu projeto *History Workshop* buscou pensar e fazer a história “a partir dos debaixo”. O *History*

Workshop consistia em oficinas públicas de história feitas para e com os trabalhadores fora dos espaços acadêmicos e escolares e onde podia-se compreender a relação entre o mundo do trabalho do qual esses trabalhadores emergiam, e as transformações históricas processadas à época.

Como podemos perceber os anos 1970 na Europa são marcados por tentativas de se repensar a história para além dos muros da universidade buscando aprofundar o diálogo com a sociedade não científica, não acadêmica e leiga, no caso, a juventude na Alemanha por meio do sistema escolar e os trabalhadores na Inglaterra por meio de seus movimentos sociais. O pós-guerra havia deixado feridas profundas no seio da sociedade europeia que ainda se mantinham após três décadas, tudo isso aliado a crise econômica do período que jogou a pá de cal no Estado de bem estar social europeu.

Compreender o contexto social onde se estabelece a Neu Geschichtsdidaktik (nova didática da história) alemã e projetos como o History Workshop na Inglaterra é importante para a compreensão do conceito de consciência histórica. O professor e pesquisador brasileiro Rafael Saddy alerta para o importante fato de que no Brasil tivemos pouco contato com todo o espectro de discussões realizadas pelos autores ligados à disciplina didática da história na Alemanha, visto que poucas obras foram traduzidas para o português limitando-se a artigos e livros de Jörn Rüsen, um artigo de Klaus Bergmann (1989) e um artigo de Bodo Von Borries (2012) (Saddy, 2014, p. 134). A concentração de traduções e publicações da didática da história no Brasil em um único autor não dá conta de abarcar as divergências e amplitudes das discussões acerca dos temas e conceitos que envolvem a didática da história, entre eles o conceito de consciência histórica. Por seu turno, só começa-se a falar sobre história pública no Brasil com mais profundidade à partir de 2011 quando o historiador Ricardo Santhiago dá o primeiro curso sobre história pública na Universidade de São Paulo.

É relevante ressaltar que a dimensão pública da história sempre fez parte das discussões presentes dentro da disciplina didática da história. A partir do início dos anos 2000 o campo de estudos no Brasil começa a passar pelo que Cerri (2010) definiu como mudança paradigmática da didática da história que definiu sua ampliação através da percepção de que ela não se reduziria apenas a uma metodologia escolar, inclusive também não se reduziria apenas ao espaço escolar, visto que temos contato com a aprendizagem histórica fora desse ambiente e por vários meios como, por exemplo, a mídia. Ademais passa-se a reivindicar a didática da

história como parte da ciência histórica e não como uma espécie de subproduto da didática geral e por fim há uma definição mais clara de seu objeto de pesquisa e campo investigativo (Saddi, 2012).

É importante compreendermos que o objeto de pesquisa da didática da história, a partir da tradição alemã, é a consciência histórica. Há vários desenvolvimentos da categoria de consciência histórica e ela é fruto de um amplo debate intelectual, no entanto, dadas as limitações que envolvem, entre outras coisas, por exemplo, a já mencionada não tradução de textos dos diversos autores que participaram e participam na discussão acerca da categoria, no Brasil o autor mais amplamente pesquisado acerca do tema é o historiador Jörn Rüsen por ter tido seus textos e livros principais traduzidos e difundidos no país. No entanto, optaremos por uma definição de consciência histórica mais ampla, qual seja, a do didático da história alemão Karl-Ernst Jeismann que assim a definiu: a consciência histórica é “[...] ‘o total das diferentes ideias e atitudes diante do passado’. Trata-se, portanto, da suma dos modos como os homens se relacionam com o que já ocorreu”. (Jeismann, *apud* Saddi, 2012, p. 214). Essa definição não se constitui como normativa pois não postula que haja uma consciência correta e/ou outra errônea, no entanto, por seu caráter amplo nos permite algumas percepções.

Segundo Saddi,

A didática da história pública é aquela que se dedica aos elementos extracientíficos e extraescolares da consciência histórica. Ela atua na investigação da consciência histórica produzida nos meios de comunicação de massa (revistas, jornais, televisão, cinema, propagandas, sites) [...] Uma didática dos meios públicos de produção do passado pergunta pelos temas históricos mais tratados na vida pública contemporânea, pelo modo como eles são abordados pelos diferentes atores e veículos, pelos interesses que movimentam essas temáticas e essas narrativas, pelas ideias interpretativas utilizadas para a produção dessas afirmações históricas, pelo vínculo que elas apresentam com a experiência, pela relação dessas narrativas com o acúmulo racional da produção do conhecimento científico e pelo modo como elas produzem uma autocompreensão do presente (Saddi, 2012, p. 217).

Assim, uma didática da história ampliada tem por preocupação não apenas o ensino de história, mas busca também compreender como acontece a aprendizagem histórica de estudantes não apenas no âmbito escolar mas também em suas relações com, entre outros canais, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) que hoje se constituem importante elemento de análise para pensarmos a formação de consciência histórica entre os jovens.

Na Alemanha, as relações entre a história pública e a didática da história possuem suas idiossincrasias que são importantes objetos de análise que podem se constituir em um panorama para traçarmos um paralelo com o caso brasileiro.

### **A querela entre história pública e aplicada e a didática da história na Alemanha**

Segundo as historiadoras alemãs Nieber e Tomann há na Alemanha uma divisão entre os acadêmicos da área de história. Essa divisão ocorre entre os historiadores que lidam com as narrativas históricas propriamente ditas (*Geschichtswissenschaft*) e os historiadores que se dedicam à teoria e o ensino de história (*Geschichtsdidaktik*). O que as autoras chamam de história pública e aplicada, em seu país, teria surgido como ao menos tentativa de superar as tensões envolvidas nessa divisão (Nieber; Tomann, 2018).

Os já citados protestos estudantis da década de 1960 influenciaram a ciência histórica no país gerando a necessidade de pensar narrativas históricas menos tradicionais e questionar a história relacionada apenas à vitória de sujeitos poderosos. A revolta estudantil promoveu uma reforma que ocorreu a princípio no ensino de história. Ainda segundo as autoras,

**Os termos “cultura histórica” (*Geschichts-kultur*) e “consciência histórica” (*Geschichtsbewusstsein*) alargaram a partir de agora o domínio da investigação muito para além da sala de aula.** De acordo com Jorn Rusen, “cultura histórica” significa em poucas palavras, “todas as práticas culturais utilizando o passado para se ajustar ao presente, e fornecendo perspectivas futuras para a acção humana”. A consciência histórica é importante na educação cívica, museus, e na prática arquivar, bem como noutros meios de comunicação social. Uma discussão evoluiu em torno dos conceitos de cultura histórica e consciência histórica sobre como analisar as representações públicas do passado. **Contudo, esta discussão continuou a ser um discurso especializado dentro dos círculos do ensino da história e só ocasionalmente se espalhou para outras subdisciplinas históricas** (Nieber; Tomann, 2018, p. 11-12, grifos nossos).

Assim a necessidade de uma didática da história ampliada, que no Brasil ocorre em inícios dos anos 2000 como afirmou Cerri (2010), na Alemanha já se mostrava como necessidade ainda nos anos de 1960, no entanto, tais discussões acabaram se concentrando no meio acadêmico.

Nos anos de 1990 na Alemanha, a insatisfação com o debate em torno da categoria cultura histórica e sua restrição ao meio acadêmico, trouxe uma nova área ou campo de pesquisa chamado de “estudos da memória” que objetivavam a crítica ao uso político da história para a manutenção de grupos sociais no poder, entretanto, segundo Nieber e Tomann, esse novo

campo de pesquisa não se aproximou da didática da história e dos debates em torno das categorias cultura histórica e consciência histórica:

Por determinadas razões, as conversas sobre memória histórica e sobre consciência histórica não desenvolveram uma troca produtiva e têm vindo a existir em paralelo desde então. Esta "estrutura duplicada" dos discursos sobre memória e a cultura histórica moldou a emergência da história aplicada e da história pública no contexto alemão. (Nieber, Tomann, 2018, p. 12).

Em que pese os distanciamentos e contraposições iniciais entre a história pública ou aplicada e a didática da história, aproximações no meio acadêmico alemão passam a ocorrer de forma mais deliberada a partir dos inícios dos anos 2010 quando as universidades de Munique, Hamburgo e Flensburg criam cátedras que unem história pública e aprendizagem histórica (Nieber; Tomann, 2018).

No ano de 2020 Birkner e Donk escrevem um importante artigo em que, por meio da análise da influência de uma rede social na nomeação de uma praça na cidade alemã de Muenster, aproximam o campo dos estudos da memória, a categoria consciência histórica e o que conceituaram como “memória pública”. No ano de 2011, diante de fatos históricos apresentados por historiadores acerca da contribuição de Paul Von Hindenburg, ex-presidente da República de Weimar e que dava nome à praça, na tomada de poder pelo partido nazista, o presidente da câmara e o conselho municipal renomeiam a praça como praça do palácio. Esse ato fez com que os cidadãos conservadores da cidade que não aceitaram a mudança empreendessem um debate público por meio do Facebook que tomou intensas proporções. Segundo os autores,

No debate público foi contestada a interpretação hegemônica de Hindenburg e o seu papel na tomada de poder por Adolf Hitler. O debate público no período que antecedeu a votação popular fornece informações sobre a luta pela memória coletiva local e a consciência histórica da sociedade civil (Birkner; Donk, 2020, p. 368).

As importantes conclusões a que chegaram os autores dão conta de que a criação de uma página no *Facebook* pela própria comunidade e moradores da cidade impulsionaram uma diversidade de discussões e argumentações que os autores qualificam como complexas, plurais, deliberativas e racionais tendo envolvido várias pessoas tanto favoráveis quanto contrárias à mudança do nome da praça (Birkner; Donk, 2020). Este caso, em nossa opinião configura uma importante relação entre história pública e consciência histórica ao mostrar pessoas ditas como comuns resgatando memórias e fatos históricos em uma mídia digital para se orientarem com relação ao passado de sua cidade, de seu país e de si mesmas.

No caso brasileiro o que nos chama a atenção é o uso, a partir principalmente dos anos de 2010, de mídias sociais para impulsionar narrativas negacionistas acerca do passado e de fatos históricos importantes do país o que invoca a importante discussão em torno da história pública e a dimensão colaborativa entre historiadores e o público no geral e o desenvolvimento da consciência histórica em uma sociedade que nega seu passado, principalmente no que se relaciona aos temas sensíveis dessa sociedade.

### Conclusões

Os temas sensíveis de uma sociedade e seus traumas históricos são geracionais e desenvolvem uma via de mão dupla que se apresenta por um lado nos problemas sociais que essa sociedade desenvolve e, por outro lado, nas respostas capazes de serem dadas a esses embates por meio da luta social.

Isso é muito perceptível no caso alemão e como o regime nazista afetou (nos dados aqui apresentados) duas gerações de jovens que encontraram tanto na crítica ao modelo educacional alemão e na luta contra ele, quanto nos problemas sociais aqui representados de uma maneira geral pelo uso abusivo de drogas.

As mobilizações juvenis pelo direito a memória e por um ensino de história crítico trouxeram mudanças, no entanto, as discussões ficaram limitadas ao meio acadêmico durante bastante tempo. Isso é muito semelhante a realidade recente brasileira onde já foi inclusive possível presenciar nas mídias sociais membros da comunidade acadêmica de história desprezando elementos da cultura periférica ou mesmo questionando a presença de certos setores da população em aeroportos.

O que é perceptível em ambos os processos é um movimento dialético da realidade onde muitas vezes uma proposta de mudança não faz frente aos anseios da sociedade e então surgem ajustes ou outras propostas capazes de criarem novas sínteses que apresentem alternativas capazes de lidar com as contradições anteriores.

Dadas as realidades muito específicas e diversas das sociedades brasileira e alemã em relação ao conhecimento histórico, há um elemento em comum nos dois casos que salta aos olhos: o

academicismo tem gerado críticas por parte das pessoas ditas leigas e comuns e um importante questionamento à pretensa superioridade desse meio em relação à sociedade como um todo.

Não por acaso propostas e campos de estudo como a história pública e a didática da história aparecem em seus devidos momentos históricos e com suas diversidades de debate e análise para confrontar as torres de marfim e os encastelados. Embora em cada realidade social cada um desses campos possa produzir suas próprias contradições, a necessidade de repensar métodos e a própria historiografia está presente em suas configurações. A inserção cada vez maior do público leigo nos debates históricos e a nossa relação com o passado representada na consciência histórica precisam se somar para construir esforços acerca de uma história reflexiva.

A escritora portuguesa Grada Kilomba em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2020), fruto de sua tese de doutorado feita em Berlim, diz ter se surpreendido ao chegar à Alemanha e ter visto a intensa relação do povo alemão com a memória e a história de seu país, realidade que ela considera como oposta a de seu país natal. Ela atribui esses fatos à busca por memória, reparação e justiça que o nazismo provocou na sociedade alemã. Assim, uma didática da história pública torna-se cada vez mais essencial para a promoção de um diálogo com o público acerca da formação da consciência histórica, a escuta ativa e o debate sobre temas sensíveis com vistas a superação de negacionismos e a construção de uma história reflexiva.

## Referências

BERGMANN, K. A História na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 19, p. 29-42, 1989.

BORRIES, Bodo von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico, ou conhecimento do cânone histórico? **Revista de Educação Histórica**, Curitiba, n. 1, p. 155-178, jul-nov. 2012.

CERRI, L. F. Didática da história: uma leitura teórica sobre a história na prática. **Revista de história regional**, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

HERMANN, Kai; RIECK, Horst. **Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

NIEBER, Jacqueline; TOMANN, Juliane. Public and Applied History in Germany: Just Another Brick in the Wall of the Academic Ivory Tower? **The public historian**, Califórnia, v. 40, n. 4, p. 11-27, 2018.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum: Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, 2012.

SADDI, Rafael. Didática da história na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da neu geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova didática da história no brasil. **Revista Opsiis**, Catalão, v. 14, n. 2, p. 133-14, jul. 2014.

TEIXEIRA, Sandra Oliveira. O protagonismo da juventude estudantil alemã no Maio de 68. **Revista em pauta**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, p. 215-227, 2018.

Recebido em 31 – 05 - 2023

Aprovado em 03 – 08 - 2023